

I - PRIMEIRAS TENDÊNCIAS

Não sei se o facto de me interessar por aquelas “construções de armar” que era vulgar serem publicadas nos jornais infantis da época (anos 1940/1950) e o de gostar de as fazer, teria estado na raiz, ou sido uma causa, do gosto que viria mais tarde a manifestar-se pela Arquitectura.¹

Se nada disto teve importância, demonstrou, pelo menos, que existia uma apetência por esta Arte.

Frequentando ainda o 6º ano do Liceu de Viana, foi proferida uma conferência no seu Teatro Sá de Miranda em 26 de Abril de 1945, pelo Arquitecto Raul Lino. Organizada pela Câmara Municipal, tinha o título de *Quatro Palavras sobre Urbanização*.

A Urbanização da cidade, cumprindo a legislação oficial, estava na ordem do dia, adiantando-se a uma série de iniciativas cuja realização dependia do plano, o qual assumia, assim, importância vital para Viana.

Este plano, sob a forma oficial de Anteplano de Urbanização da Cidade, veio a vigorar durante mais de duas décadas. Era da autoria do Engenheiro João António de Aguiar, de Lisboa, e, naquela data, estava a aguardar-se, a todo o momento, a sua entrega definitiva.

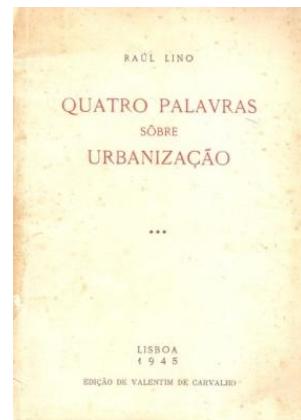
Tratava-se, portanto, dum problema na ordem do dia, justificando-se plenamente a realização daquela conferência, sobretudo quando proferida por alguém de nome consagrado.

Apesar dos meus verdes anos, não deixei de comparecer, expectante sobre o que iria ouvir.

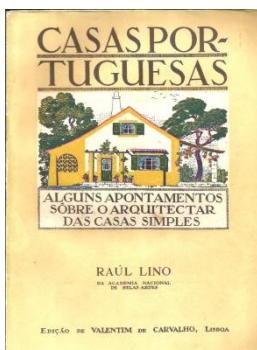
Fiquei francamente entusiasmado com as ideias transmitidas, algumas das quais me pareceram oportuníssimas para Viana, com ligeiras sugestões de crítica. Já outras pareciam-me constituir autêntico ovo de Colombo.

E outras, ainda, foram uma verdadeira revelação, que perfeitamente compreendi, como o facto de o perfil longitudinal da avenida dos Campos Elísios, de Paris, não se desenvolver rectilineamente, mas sim em ligeira concavidade, como um lençol estendido, de maneira a valorizar a perspectiva visual sobre o Arco do Triunfo, um dos mais conhecidos monumentos da capital francesa.

Apressei-me a adquirir a brochura com a transcrição integral da conferência, cuja capa reproduzo ao lado e que pode ser consultada no meu arquivo.



¹ Referências pormenorizadas a este interesse encontram-se descritas no capítulo “Construções de Armar”, nas Edições *O Mosquito*, das minhas Memórias “Quadradinhos”.



Interessado como fiquei, também adquiri o livro do autor que encontrei à venda, *Casas Portuguesas*, já em 3^a edição.

Foi publicado igualmente por Valentim de Carvalho, o que me causou certa surpresa, pois conhecia o nome, não propriamente como especializado em edições deste género, mas sim como de venda de instrumentos musicais e editor discográfico, e organizando mais tarde academias de música, das quais creio que era o patrocinador.

Ainda consegui, já na década seguinte, encontrar aquela que julgo ter sido a primeira obra impressa de Raúl Lino, *A Nossa Casa*. Sem data, é contudo da 4^a edição, mas calculo que a original tenha sido de 1923, de acordo com a vinheta inserta na contracapa, especialmente desenhada para esta obra.

Antecedendo o texto propriamente dito, salientam-se várias anotações. A primeira é uma “Nota da 4^a edição”, sem assinatura, que justifica esta nova tiragem pelos insistentes pedidos recebidos pelo “editor desse interessante livro” para a efectuar. A segunda é um “Prefácio (para a terceira edição)”, de Manoel de Sousa Pinto, que revela ter sido Pedro Bordallo Pinheiro o “seu louvável editor”. E a terceira é uma “Advertência” de R. L. (obviamente Raul Lino), na qual refere ter acrescentado novos exemplos a esta reedição, o que é perfeitamente normal e compreensível



Das restantes obras do autor não conheço *Auriverde Jornada*, que admito tenha sido provocada por uma viagem ao Brasil. Mas assinalo também o artigo inserto numa das monografias de Portugal, oficialmente editadas em 1929 para a Exposição Portuguesa em Sevilha. A contribuição de Raul Lino tem o título de “A Casa Portuguesa”, e tem para mim o acrescido interesse de apresentar como exemplo o Palacete do Armador, em Chelas, de que a Fundação Oriente me encarregou de projectar a recuperação, depois do incêndio que a destruiu quase por completo.

Outra obra que também senti vontade de adquirir foi *Edificações*, da “Biblioteca de Instrução Profissional”, da Bertrand, de que não tenho agora a possibilidade de reproduzir a capa.

Senti logo interesse em comprá-la, sobretudo pela variedade dos exemplos apresentados, facto que me colocou mais frontalmente uma série de problemas, pois foi nestas circunstâncias que me apercebi haver um nítido confronto entre dois critérios de actuação quanto à concepção da peça arquitectónica: um, tradicional ou clássico, e o outro mais moderno, o qual me parecia menos reconhecido no meu meio.

Por outro lado, foi também com grande interesse que assisti à construção da chamada “casa amarela” no centro da cidade, na esquina da rua da Picota com a Avenida dos Combatentes, mesmo em frente à minha casa, na Picota. Tem um gaveto em ângulo agudo, que foi resolvido de forma muito simples mas conseguida, em curva plena, coroado por um baixo-relevo, cuja autoria desconheço.

Era a década de 1940, e parecia-me corresponder a uma lufada de ar fresco na pacatez urbana até então existente, mesmo numa zona moderna da cidade como era, na época, a conhecida “avenida”, assim simplesmente chamada.



Recordo perfeitamente o início das obras, com a abertura dos caboucos e, sobretudo, o penetrante cheiro a alcatrão, que me explicaram constituir uma camada aplicada nos alicerces, com o fim de evitar a propagação da humidade.

A única foto, embora parcial, de que disponho de momento, é a que reproduzo ao lado, onde se pode ver, à esquerda, o gaveto do edifício em causa (felizmente não lhe foi alterada a cor) coroado pelo referido relevo decorativo.

A minha casa, na rua da Picota, onde sempre residi até me fixar no Porto, é aquela cuja frente se vê na totalidade, à direita da foto.

Soube depois que a “casa amarela” era um dos projectos que o Arquitecto Rogério de Azevedo fez para Viana, a par da “escola da Avenida”², e de vários outros. Rogério de Azevedo haveria de ser um dos meus professores nas Belas Artes

Regresso agora a 1945, em que assisti à conferência do Arq. Raúl Lino e me interessei fortemente pelos assuntos nela versados.

Pretendia concluir nesse ano o 6º ano do liceu, mas faltava-me a devida preparação em Latim. Tivera sempre maus professores, que nunca davam as aulas interessando-nos pela riqueza e o elevado valor da língua, pelo que nunca liguei à disciplina... e nunca a estudei. Era necessário, portanto, fazer o chamado exame da 2ª época, em Setembro.³

Para tanto, foi solicitado ao Dr. José Cardoso, que creio ter sido professor oficial de Latim, para me dar as necessárias explicações, preparando-me para o exame. Era pessoa muito considerada na zona de Viana e conhecida da família. Vivia em Afife, uns dez quilómetros a Norte de Viana, pela E.N. 13.

As férias grandes foram, assim, truncadas por esta deslocação, que tinha de efectuar julgo que duas ou três vezes por semana. Ia para lá no caminho-de-ferro, transportando a bicicleta no próprio comboio, pois a habitual e forte nortada, que sempre sopra durante o verão ao longo da costa, tornava a deslocação para norte muito penosa e demorada. Mas regressava na bicicleta ao fim do dia, sem qualquer problema com o vento pelas costas. Às vezes tinha de accionar o farolim da luz de presença, ao lusco-fusco, embora o trânsito fosse reduzido – era ainda a época do “lá vem um”...

Ora estas deslocações continuadas permitiam-me observar criticamente a paisagem lateral com muito mais tempo do que era habitual.

² O projecto desta escola foi feito de parceria com o Arq. Baltazar de Castro

³ Estes factos encontram-se relatados mais detidamente nas minhas Memórias do Ensino Secundário

Desde logo me prendeu a atenção, pelas suas linhas modernas, uma casa isolada à margem da estrada. Era inteiramente inesperada entre as outras, mesmo as mais recentes, todas as quais de linhas marcadamente tradicionais.

Esta casa constituiu para mim, durante muito tempo, quase um paradigma, pois, passando tantas e tão vagarosas vezes por ela, me habituara a apreciar a sua forma. Soube pouco depois que era uma moradia conhecida no meu meio em Viana, pelo nome de “casa navio”, pelas formas consideradas estranhas, com um arredondado que arremedava vagamente uma proa náutica. Se cheguei a saber quem era o seu proprietário, esqueci-o por completo. E, dos habituais colegas do liceu, não tinha nenhum com estas preocupações ou que, ao menos, as pudesse compreender.

O que vagamente lembro é de ter visto a sua imagem (ou seria de outra idêntica?) reproduzida em livro ou revista, o que me leva a pensar que teria sido uma “obra de autor”. E habituei-me também a integrá-la no “espírito” daquilo que me cativara e me chamara mais a atenção no livro *Edificações*.

(Muito mais tarde, raciocinei que tinha sido praticamente por esta altura que Viana de Lima projectara a sua histórica e inovadora “casa Honório de Lima”, no Porto, infelizmente já demolida antes de poder ter sido classificada).

Quanto ao meu futuro, ainda permaneciam, porém, muitas dúvidas. De facto, “Arquitecto” era uma coisa de que quase não se falava no meu meio, e não era pensável “ter saída”. Agronomia atraía-me também, com a minha pendência para a vida rural, que eu, aliás, só conhecia de maneira quase romântica a partir de Vilar de Mouros. E nem sei em que mais pensei.

De qualquer modo, Letras é que não podia ser, com o Latim sempre a fitar-me!... Seria Ciências, portanto, a começar no 7º ano no Porto, para onde iam também tantos colegas de Viana e onde o próprio Zé, meu irmão, já estava. E depois se veria.

Até que um, dia, calculei que por 1976, em tempo de férias (Páscoa?), me fui despedir à estação de Viana do primo Fernando⁴, que regressava a Lisboa, onde vivia.

E aconteceu aquilo a que, se quisesse dramatizar, chamaria o “Golpe de Misericórdia”. Pelo menos, foi assim, inesperadamente, sem qualquer preparação prévia, que tudo aconteceu. Depois das conversas triviais adaptadas a uma circunstância de pura despedida (“dá dois pontapés ao Zé”, por exemplo, era uma das frases típicas que lhe eram habituais com o seu melhor ar brincalhão), e tendo chegado o comboio, o primo Fernando, já com um pé no estribo da carruagem para subir, dispara-me: “**Tu devias era ir para Arquitecto. Eu depois falo ao Keil**”. Assim, sem mais nada.

Entrou, a porta fechou-se, e eu fiquei parado no cais, a olhar o comboio a desaparecer a caminho do seu destino.

Se chegou alguma vez a falar ao Keil, é que não sei.

⁴ Fernando Eugénio da Costa Vieira, primo direito da minha Mãe, irmão dos primos Maria Helena e Carlos Alberto, meus padrinhos. Era capitão do Exército, tendo feito a guerra de 1914-18, e Advogado. Duma personalidade cativante, teve uma vida e uma actividade que merecem ser recordadas. Era amigo e correligionário do Arq. Keil do Amaral, e o advogado de sua Mãe, D. Guida Keil.

Estive com o primo Fernando muitas mais vezes, mas nunca quis abordar o assunto, até porque os contactos que tinha com o Keil do Amaral eram a princípio reduzidíssimos, ele vivendo em Lisboa e eu no Porto.

Aquando do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, a partir de 1955, é que os nossos encontros passaram a ser frequentes, tendo ficado amigos apesar da diferença de idades. Aliás, era difícil não fazer amizade com o Keil, com as suas habituais educação, simpatia e bonomia.

Também nunca lhe falei do meu primo Fernando. Mas fui mesmo para Arquitecto, e assim continuo.

Carlos Carvalho Dias
Porto, novembro de 2018